

Tristão e Isolda Arthur Schopenhauer e Richard Wagner: Música e essência em forma de ópera

Tristan and Isolde Arthur Schopenhauer and Richard Wagner: Music and Essence in opera form

Palavras-chave: Wagner; Schopenhauer; Filosofia; Música; Essência.

Keywords: Wagner; Schopenhauer; Philosophy; Music; Essence.

Sidnei Oliveira

Universidade Estadual de Campinas

violaoliveira@yahoo.com.br

Como pensar música e filosofia em uma única arte? Wagner desenvolveu tal forma em sua *Gesamtkunstwerk* - Obra de Arte Total. Mas foi após ter acesso à filosofia de Arthur Schopenhauer que seu modo de compor foi realmente posto em evidência. *Tristão e Isolda* foi a primeira ópera que o compositor pode de fato mostrar o que a leitura de Schopenhauer realizou em sua obra, a metafísica da morte, a metafísica do amor, a música como condutor de um protagonista, a música absoluta em forma de *leitmotiv* wagneriano, entre outras questões. Wagner trabalhou em suas óperas o contexto histórico e político, mas depois de conhecer a filosofia schopenhaueriana, os temas filosóficos ascenderam sua obra como o verdadeiro drama wagneriano que o compositor desejava alcançar. A música desenvolvida em *Tristão e Isolda* é a realização schopenhaueriana através do entendimento de Wagner, o exemplo maior está no Acorde de Tristão, não por ele ser um divisor de águas na história da harmonia musical, mas sim, pela função da negação da vontade de Schopenhauer. Wagner utilizou da filosofia apresentada em *O mundo como vontade e como representação* de Schopenhauer, para, no Acorde de Tristão representar a vontade schopenhaueriana, ou seja, a tese central de sua filosofia. A afirmação da vontade encontra justamente do acorde inicial da ópera, conduzindo o protagonista para sua essência. O fato de não haver uma resolução harmônica no Acorde de Tristão durante a ópera, mostra a tensão da vida e a vontade schopenhaueriana. Somente nos últimos compassos da obra que a resolução do acorde é concluída, neste momento, o protagonista nega a sua vontade. Mas outras questões muito importantes são mencionadas no enredo da ópera. Para o segundo ato, Wagner utilizou a noite intencionalmente, pois dessa forma, pode imergir sua obra na metafísica da música de Schopenhauer e no sublime pela experiência dramática. Na noite e no silêncio o homem é induzido a buscar o que na luz do dia não seria possível. Durante todo o dueto desse ato, Tristão afirma a noite de amor e nega o dia, Isolda, aos poucos vai concordando com o pensamento de seu amado e quase nunca contesta, quando isso acontece, Tristão retoma o cerne do drama que cerca toda a ópera. A decisão de morrer desde o início, como sabemos, parte de Tristão. Mas uma coisa temos que ter em mente, devemos analisar a música wagneriana da mesma forma que analisamos a filosofia de Schope-

nhauer, caso contrário, será apenas mais uma análise baseada somente na teoria musical. De acordo com Schopenhauer, a música é a vontade imediata e só adquire sua perfeição através da harmonia completa. Logo, se nos apropriarmos de uma teoria musical, da qual foi desenvolvida por séculos, veremos que a música segue seu caminho, ela possui seu início, meio e fim dentro da composição musical. Os estudos e aperfeiçoamentos foram se adequando a cada período histórico, conforme a música se modificava, as análises eram reformuladas ou reconheciam-se novos meios para identificar harmonicamente e historicamente determinada composição ou passagem musical. Assim foi o processo de análise e o reconhecimento de cadências, foram identificadas e nomeadas, cada uma com determinada função, determinado deslocamento e finalização. Se o curso da música já estava pré-estabelecido, porque a mudança, por que Wagner mudou com o seu Acorde de Tristão? “Simples”, a vontade schopenhaueriana possui um percurso estabelecido por sua filosofia, mas não necessariamente o segue de acordo, há um fim, porém até que o desfecho aconteça, pode haver interrupções, já que tal vontade se manifesta de várias maneiras. Pensando assim, metafisicamente, o Acorde de Tristão tem como todo acorde, seu caminho, sua resolução, isto é, cabe ao compositor designar sua finalidade e direcioná-lo para o seu fim. A morte de Tristão, assim como a morte de Isolda, é conduzida pela melodia. Em Schopenhauer e sua filosofia estético musical, a melodia é o grau mais alto da vontade, aqui, é possível relacionar aos graus de objetivações da vontade que o filósofo desenvolveu em sua teoria para explicar a representação do mundo. Portanto, o objetivo deste artigo é mostrar a essência filosófica schopenhaueriana e a o drama wagneriano sendo trabalho juntos, mais especificamente em *Tristão e Isolda*.

Referências

- BARENBOIM, Daniel; CHÉREAU, Patrice. *Diálogos sobre música e teatro – Tristão e Isolda*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- MAGEE, Bryan. *The Tristan Chord-Wagner and Philosophy*. London: Penguin Press, 2000.
- MILLINGTON, Barry. *Wagner um compêndio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.
- SCHOPENHAUER, Arthur. *Der Handschriftliche Nachlass – Sämtliche Werke*. München: Deutscher Taschenbuch Verlag GmbH&Co. KG, 1985.
- _____. *Sämtliche Werke*. Cotta – Insel. Stuttgart/Frankfurt am Main, 1960-1965.
- SIMONSEN, Mário H. *Tristão e Isolda - Wagner*. Rio de Janeiro: Insight Engenharia de Comunicação/ Vale, s.d.
- WAGNER, Richard. *Beethoven*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.
- _____. *Gesammelte Schriften und Dichtungen*. Leipzig: Adamant Media Corporation, 2005-2006.